

## FINALIDADE DA ARTE

**Aluna: Bettina Calmon**  
**Orientador: Luiz Camillo Osorio**

### Introdução

O que é a arte ? E para que serve? Para responder a estas perguntas mais básicas, escolhi estudar um autor que é uma grande referência para quem se interessa por filosofia da arte, Georg Wilhelm Friedrich Hegel. No século XIX, ele afirmou que a arte havia morrido. Um século depois, o filósofo e crítico de arte, Arthur C. Danto fez a mesma afirmação mas por motivos diferentes. Em seu livro chamado “Após o fim da arte”, Danto cita por diversas vezes Hegel como um autor que o influenciou. Através do estudo destes dois pensadores, sendo um moderno e o outro contemporâneo, pretendo esclarecer o conceito “arte” e compreender sua importância na história moderna até os tempos atuais.

### Objetivo

Entender separadamente a filosofia estética destes dois autores, Hegel e Arthur Danto, e apontar os pontos em que estas se aproximam e se distanciam. A partir desta reflexão podemos tirar nossas conclusões sobre o que seja a arte e sua finalidade no mundo.

### Metodologia

Estudar os “Cursos de estética” publicados pela primeira vez por um aluno de Hegel, Heinrich Gustav Hotho, em 1835. Heinrich foi responsável por organizar e reunir os cadernos e apontamentos que Hegel utilizou em seus cursos, na Alemanha, durante o período de 1818 à 1829. Quatro volumes intitulados “Cursos de estética” foram lançados a pouco tempo pela editora edusp. Neste trabalho, fiz uso do primeiro volume com ênfase na introdução do livro, onde uma visão geral da filosofia da arte do filósofo é apresentada.

Para Hegel, a história da arte é também a história do desenvolvimento da idéia de verdade. A verdade é uma só mas apesar disso ela pode ser apresentada de formas diversas, conforme o grau de evolução dos povos que a apresentam. Hegel fala de três formas de arte, a simbólica, a clássica e a romântica. O fim da arte romântica é também o fim da arte como expressão da verdade na sociedade. A arte “acabou” pois é pouco evoluída para representar o espírito. A religião está mais próxima da verdade, e a filosofia ainda mais. Um de seus comentadores, Luc Ferry, distingue dois momentos em sua filosofia. No primeiro, é possível dizer que a filosofia e a arte caminham juntas pois uma não se mostra superior a outra. Aproximadamente após lançar sua “*Fenomenologia do espírito*”, segundo Ferry, Hegel se posicionou contra o mundo sensível tornando a arte menor por sua dependência de um fenômeno material. Segundo Luc Ferry, esta tomada de posição o aproximou de Leibniz que luta contra o mundo material. A forma é contingente, e a idéia é imutável. A forma de apresentação da filosofia é o próprio pensamento, e este é da natureza da idéia. De acordo com esta teoria, a forma é desprezível na filosofia, nela a idéia se apresenta em sua pureza. Na arte, a idéia é limitada por sua forma de apresentação, que é sensível.

O livro “*Após o fim da arte*” do filósofo e hoje crítico de arte da revista americana, “*The Nation*”, Arthur Danto, analisa a história da arte como um todo para chegar a conclusão de que hoje ela chegou ao fim. Com esta afirmação ele não quer dizer que paramos de produzir

obras de arte, obviamente isto seria falso. O autor refere-se ao fim da arte moderna, e o início da arte pós-moderna, contemporânea, ou ainda, pós-histórica.

A arte contemporânea é marcada pela falta de estilo. A desordem é seu princípio. Na época clássica, a arte se limitava a imitar a natureza e este seu papel não era questionado. Na modernidade, a questão “*o que eu tenho que nenhum tipo de arte tem?*” tornou-se crucial e influenciou na produção artística, segundo Danto. Já a pergunta, “*porque sou uma obra?*” é especificamente contemporânea. A distinção entre coisas reais e obras de arte deixou de ser clara a partir da década de 60, momento em que surgiu a verdadeira filosofia da arte, ao ver do crítico de arte. A Brillo Box do Andy Warhol é um exemplo disso. Hoje a natureza da arte tem sido investigada sem ter como determinante sua aparência.

Danto diz que para descobrir o que é a arte, é “*preciso voltar-se da experiência do sentido para o pensamento, em resumo, é preciso voltar-se para a filosofia*”. Hegel afirma em tom semelhante que “*A arte nos convida a uma consideração intelectual, e isso não com o intuito de criar arte novamente, mas para conhecer filosoficamente o que é a arte*”.

## Conclusão

Na modernidade era comum que artistas e críticos sustentassem a idéia de que uma arte era melhor do que outra, como se existisse um tipo de arte verdadeira, digna da contemplação de todos.

Danto entende que os acontecimentos da modernidade permitiram a penetração da filosofia na arte. Ele se diz adepto de Hegel ao afirmar que a fase do fim da arte representa a tomada de consciência do espírito para o que é a verdade filosófica da arte. Para ele, a verdade é que a arte não é uma coisa, nem outra, mas pode ser tudo. Hegel afirmou em um de seus cursos que a arte virou “*coisa do passado*” e que a filosofia da arte se tornou mais relevante do que a própria arte. Ele afirmou ainda que “*ela perdeu verdade e vida genuínas, tendo sido transferida para nossas idéias*”. Danto não vai discutir a beleza das estátuas da antiguidade grega como Hegel, nem afirmar a soberania da arte clássica sobre as outras formas, no entanto ele concorda com o filósofo alemão num ponto, a filosofia veio a se sobrepor de alguma maneira à arte, e o nosso juízo hoje parece ser mais relevante do que os nossos sentidos.

## Referências

- 1 - HEGEL, G.W.F. **Cursos de estética I**. 2 edição, Edusp, 2001.
- 2 – DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**. 1 edição, Edusp, 2006.
- 3 – FERRY, Luc. **Homo Aestheticus**. Capítulo IV: O momento Hegeliano.